

Esse verso me veio do Espírito Santo, do subconsciente ou talvez de algum escritor
Jorge Luiz Borges, *Esse ofício do verso*

Quando chamo pela memória em busca de meu primeiro contato com a poesia, além da antologia escolar da quinta série, um livrão com capa branca e grafismo verde – e quem rememora é o menino de 11 anos – ocorre-me a lembrança de meu pai declamando Guilherme de Almeida. Nascido em 1932, papai era fã da fase constitucionalista do poeta. Em especial do poema **Nossa Bandeira**, cuja primeira estrofe muitos conhecem:

Bandeira da minha terra
Bandeira das treze listas:
São treze lanças de guerra
Cercando o chão dos Paulistas!

Jorge Luis Borges conta que descobriu a poesia ouvindo seu pai declamar Keats. Naquele instante, diz Borges – digo com Borges e o bendito – “soube que a linguagem poderia também ser música e paixão. E assim me foi revelada a poesia”.

Em casa, em um nicho que ficava próximo à lareira, perfilava-se a edição das obras completas de Guilherme de Almeida. No mesmo volume da poesia engajada, há uma seção intitulada **Os meus Haikais**. Por inclinação ou preguiça, identifiquei-me de imediato com os poeminhas.

Na década de 40, principalmente, Guilherme de Almeida foi um dos maiores divulgadores dessa forma poética. Metendo-se na fronteira pantanosa do Maneirismo, ele definiria o haikai da seguinte maneira:

“A poesia japonesa de dezessete sílabas em três versos: o primeiro de cinco, o segundo de sete e o terceiro de cinco. Define-se o haikai: anotação poética e sincera de um momento de elite”.

Dentre seus poeminhas, destaco **O haikai** (1), escrito entre 1944 e 1947:

Lava, escorre, agita
a areia. E enfim, na bateia,
fica uma pepita

Feita essa referência de origem, transporto-me para o início dos anos 80, quando iniciei minha aventura literária, bastante entusiasmado com a cena poética da época. Lembro que Noigandres, representada pela tríade Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, pontificava e sua linhagem reinava absoluta, em edições da Editora Brasiliense – principalmente Paulo Leminski, Alice Ruiz e o monumental – ainda que elegantemente frugal – José Paulo Paes.

Sem que se constituíssem em grupo ou movimento, o que os unia (assim como a Carlos Vogt e Regis Bonvicino, outros autores bastante representativos do período) era a máxima de Ezra Pound:

DICHTEN–CONDENSARE

Em **ABC da Literatura**, Pound exorta os poetas a buscar a concisão e a “medula” do texto: que “A incompetência se manifesta no uso de palavras demasiadas. O primeiro e o mais simples teste a que o leitor deve submeter o autor é verificar as palavras que não funcionam” (Ezra Pound, *ABC da Literatura*, Editora Cultix, São Paulo, 1986).

A uní-los, também, uma relação de parentesco – ou familiagem, conforme neologismo cunhado por Carlos Felipe – com o Modernismo, em especial com Oswald de Andrade e seu poema-minuto, como apelidado por Paulo Prado.

Nessa onda, lembro que a Editora Brasiliense lançou, em 1984, **Cocktails**, livro até então inédito do modernista Luis Aranha, escrito em 1922. A obra trazia dois haicais embutidos no poema **Drogaria de Éter e de Sombra**, sendo que um deles é o seguinte::

Jogaste tua ventarola para o céu
Ela ficou presa no azul
Convertida em lua

Anos depois, descobri que o poeta havia se inspirado no clássico haiku de Yamazaki Sokan (1465/1552), que, com a ajuda de Shinobu Saiki, traduzi por:

lua cheia
se espeto um cabo na bola
uma ventarola

Um ano antes, em 1983, a mesma Brasiliense lançaria **Caprichos e Relaxos**, de Paulo Leminski. Essa obra propagou o autor e sua poesia para público mais amplo – e estimulou-me a escrever os primeiros versos. Desse livro gosto especialmente do seguinte haicai:

duas folhas na sandália
o outono
também quer andar

Tendo em perspectiva as regras clássicas de composição do *haiku* (como se denomina o poema em japonês), tais como ausência de ego, vivacidade e frescor e referência à estação do ano, entre outras, trata-se de uma verdadeira pepita – mais reluzente e valiosa que o ouropel de Guilherme.

A mesma Brasiliense lançaria uma pequeníssima biografia do grande mestre do *haiku* **Matsuo Bashô** (1644/1694), escrita por Leminski, e a Roswita Kempf Editora a tradução de seu mais famoso diário de viagem (em japonês *haibun*), **Sendas de Oku**, traduzido por Olga Savary, a partir da versão em espanhol. Essas obras, somadas ao estudo de Ernest Fenollosa, **Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia**, **Signos em rotação**, de Otavio Paz, e o já mencionado **ABC da Literatura**, de Ezra Pound, foram decisivos para minha formação. Essas leituras me levariam a Wenceslau de Moraes, Blyth, Keene e Seifert, – e a uma compreensão um pouco mais sofisticada e aprofundada da poesia japonesa.

Ainda em meados da década de 80, passei a frequentar um grupo de estudo de *haiku*. Os encontros ocorriam no escritório do jornal **O Portal**, no bairro da Liberdade. No início, era o mais jovem da turma (cuja idade média beirava os sessenta e picos) e um dos únicos não descendentes.

Líamos, traduzíamos e discutíamos Bashô, Busson, Ransetsu e Issa, entre outros poetas clássicos. Anos mais tarde, por iniciativa do mesmo grupo, participei da criação do **Grêmio de Haikai Ipê**, que logo deixei de frequentar (lembro-me sempre de Groucho Marx que dizia não frequentar clube que o aceitasse como sócio).

Nessa mesma época, tomei contato com a obra de importantes haicaístas brasileiros como Afrânio Peixoto, Oldegar Vieira, Millôr Fernandes, Olga Savary, Pedro Xisto, entre outros.

Finalmente, em rota própria e há mais tempo traçada que a turma dos 80, corria por fora em minha formação, João Cabral de Mello Neto. Eu o acompanhava intrigado, tocado por sua poesia sem, todavia, encontrar a porta que me levasse a uma compreensão de sua poesia (afinal, o caudaloso, em mais de um sentido, **O cão sem plumas** era muito, muito diferente do árido, mineral e angular **O engenheiro**). Foi quando li **Paisagens com figuras**, e fiquei tocado pelo poema **Alguns Toureiros**. Nesse instante entendi que, o que me atraía na estética cabralina era a contenção, retratada nas seguintes estrofes:

sim eu vi Manuel Rodríguez,
Manolete, o mais asceta,
não só cultivar sua flor
mas demonstrar aos poetas:

como domar a explosão

com mão serena e contida,
sem deixar que se derrame
a flor que traz escondida,

e, como então trabalhá-la
com mão certa, pouco e extrema:
sem perfumar sua flor
sem poetizar seu poema

Chegado a esse ponto os convido a conhecer a minha oficina. Em 1984, lancei, com outros 2 autores, o livro de poemas **sopa de letras**. Dois anos depois, publiquei **apenas**, caudalosa coletânea de 6 haicais. Para mercê do autor, esses livrinhos encontram-se fora de circulação há muitos anos. É dessa época, se não me engano de 1985, o haicai:

aplausos de morte
o pernilongo
estava sem sorte

Esse poema foi reinterpretado pelo cartunista Glauco, autor da personagem Geraldão, protagonista de quadrinhos há mais de 20 anos. Lembro que procurei pelo cartunista nessa época no jornal Folha de São Paulo e comentei que achava a estrutura de seus quadrinhos muito parecida com a do haicai. Elaboramos juntos, então, um hai-quadrinho.

Entre 1985 e 1995, criei parte dos poemas que constam em **Uns & Outros**. Em 1995, juntei-me a um grupo de estudos que reunia-se, semanalmente, às quartas-feiras, sob a coordenação do poeta e crítico Carlos Felipe Moisés, para discutir suas composições. Esse contato estimulou-me a escrever com maior rigor e disciplina. Adicionalmente, o fato de apresentar e discutir as criações, puseram-me a refletir sobre a minha oficina.

(...) Infelizmente, toda Literatura é feita de truques, e esses truques – a longo prazo – acabam sendo desvendados. E então os leitores se cansam deles” Borges

À exemplo de Borges, posso afirmar que “tenho orgulho de ser um discípulo – um bom discípulo, espero”. E quando penso em meu pai, quando penso em todos os poetas que li e mestres que tive, também gostaria de ouvir suas vozes. E treino minha voz para imitar as suas vozes, a fim de que possa pensar como eles teriam pensado. Eles estão sempre ao meu redor

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Miguel de Almeida e a **Lima Barreto Livraria** pelo convite para compartilhar a leitura de poemas de **Uns & Outros** com vocês. Agradecer à **Editora Landy**, em especial ao seu editor, Antonio Daniel, pela ousadia de editar poesia – gênero tão necessário quanto escasso. O apoio da **Diageo**, que ofereceu as bebidas, *spirit*, espírito. À **ModernSign Design** pelo apoio editorial e à **Canvas** pela criação e produção dos vídeo-poemas, que serão lançados hoje.

Agradeço cordialmente a presença de todos – alguns amigos muito queridos.

Por fim, quero agradecer ao Carlos Felipe Moisés, mestre e amigo, que topou dividir essa leitura. Para o Carlos, fiz esse haicaizinho quando completou 60 anos – está em **Uns & Outros**:

celebre amigo a sua sina
você é da grei dos que aprendem
enquanto o resto ensina

E com esse poeminha inauguramos a nossa leitura

TÍTULO

Uns & Outros. A chave para compreensão do título do livro encontra-se na epígrafe que o precede, e que é assim:

“Uns imitam por incapacidade. Outros para ensaiar asas. Estes saberão um dia voar”. Trata-se de um trecho de carta de Mario de Andrade a Luís da Câmara Cascudo.

Uns & Outros aceita a incapacidade – parte inevitável do processo de ensaiar asas. Ícaro encantado com o sol. Noto que ao longo do livro há pares de poemas que reforçam esses extremos, como, por exemplo *Epitáfio Um e Epitáfio Outro*:

EPITÁFIO UM

a vida tratou-me bem
tive como quando onde
e nunca faltou-me quem

EPITÁFIO OUTRO

veio ao mundo
com a missão de ser
profundo
foi raso
(a)traído pelo desejo e
pelo
ocaso

PALAVRA

O poema que lerei agora é dos que mais gosto. Chama-se **palavra**. Esse poema foi animado em vídeo. Nesse processo, ganhou vários níveis de significação. Vamos á ele.

VAMOS VER AGORA COMO POEMA FOI ANIMADO.

CARLOS FELIPE

Carlos, passo a bola para você. Gostaria que lesse **17 de Junho de 1904. Odisseu é convocado ao Hades e Monteazul**. Topa?

OFICINA

Os poemas lidos pelo Carlos permitem que eu fale um pouquinho sobre meu processo criativo.

Em minha oficina, adotei dois métodos de composição: um mais racionalista, cerebral por assim dizer, e outro mais intuitivo. Ocidente & Oriente, Razão & Intuição, **Uns & Outros**.

No primeiro caso, o que me anima é a abordagem Poundiana, em especial o método da comparação e o exercício da concentração. Em minhas composições, busco a palavra mais precisa e a beleza, entendida por Pound como “adequação ao objetivo”.

O mesmo Pound dizia que “A incompetência se manifesta no uso de palavras demasiadas. O primeiro e o mais simples teste a que o leitor deve submeter o autor é verificar as palavras que não funcionam”.

Em linhas gerais, meus poemas refletem a interpenetração de temas e de estruturas, como assinala José Lino Grunewald, ao comentar **Os Cantos**, de Pound, “épico sem enredo”, que traduziu. Montagem, colagem, transcrição de outros autores, separação das palavras, o uso do *enjambement*, da pontuação e da visualidade das palavras.

A idéia é revisitar os clássicos com ironia. Como assinala Umberto Eco em **Posfácio ao Nome da Rosa**, essa seria a marca do pós-modernismo.

O primeiro poema **17 de junho de 1904. Odisseu é convocado ao Hades**, foi inspirado em **Ulisses**, de James Joyce. Fantasiei que o protagonista, Leopold Bloom, morre no dia seguinte em que transcorre a narrativa épica.

No processo de criação usei muitas referências da narrativa joyceana, em especial as da parte II, episódio 6, na cena de O Cemitério.

Inúmeras foram as referências que busquei em Joyce: às carpideiras – uma é comparada a uma “harpia de queixada magra: ; depois, ao refletir sobre a morte de Patrick, “Paddy”, Dignam, Bloom pensa “o que é que vale para o sujeito entre quatro tábuas comendo margaridas pela raiz?”.

Já os versos:

Depois hidromel

vinho doce

água e

farinha branca

Foram apanhados do **Canto I** de Pound, transcrição, por sua vez, de um trecho do Canto XI da **Odisséia**, de Homero, traduzidos por José Lino Grunewald da seguinte forma:

Vazamos libações a cada morto
Primeiro o hidromel, depois o doce
Vinho mais água com farinha branca;

Antonio Medina Rodrigues nota que esse canto retrata o “sacrifício para invocação dos mortos e descida aos infernos”.

Segundo o tradutor José Lino Grunewald, essa transcrição foi inspirada em tradução de Andréas Divus de 1538. No caso de **17 de Junho de 1904**, portanto, trata-se da apropriação de um verso traduzido do grego por Divus, depois por Pound e, finalmente, por Grunewald (sem contar a espiada que dei na tradução de Odorico Mendes).

Por fim, há a palavra-valise fluídoflamantefeliz, uma tentativa de renomear a palavra alma.

Outro poema que segue essa dinâmica construtiva é *Monteazul*, que utiliza a estrutura de **Anhangabaú**, de Mario de Andrade, e temas da **Tabacaria** de Fernando Pessoa.

Peço ao Carlos que leia **Anhangabaú** e, depois, o trecho da **Tabacaria** no qual me inspirei.

HAICAIS

Seguindo com a leitura, dos muitos haicais que publiquei em Uns & **Outros**, gosto especialmente de **Basho revisitado** e **Sokan revisitado**.

Basho revisitado

o outono se foi
ficou a grama amarela
e a ramela
no olho do boi

Sokan revisitado

lua vernal
se lhe ponho uma colher
prato de mingau

Aqui o exercício de voltar aos clássicos com ironia. No primeiro caso, há um belo haikai de Basho, que foi traduzido por Paulo Leminski da seguinte forma:

primavera não nos deixe
pássaros choram
lágrimas no olho do peixe

De Sokán, revisitei o seguinte haicai:

lua cheia
se espeto um cabo na bola
uma ventarola

Dos haicais que fiz, gosto também do haicai **palmas para ele**, que foi quadrinizado pelo cartunista Glauco e animado em vídeo-poema. Vamos ver como ficou:

VÍDEO-POEMA PALMAS PARA ELE

Gosto muito também de:

primavera eu te vi
o primeiro vestido de alça
passou por aqui

Acredito que o *Kigô* (termo de referência da estação do ano) “vestido de alça” não poderia ser mais brasileiro e inzoneiro.

E aqui eu me detenho para falar um pouco sobre o outro método de composição que emprego em minha oficina, inspirado no zen-budismo.

Na tradição da escola inaugurada por Basho, que viveu entre 1644 e 1694, o exercício do haicai (uso o termo abasileirado) tornou-se um caminho para o auto-conhecimento.

Nesse contexto, procuro exercitar o sabi (clima de solidão), o wabi (desprendimento, ou conexão com o todo) e o karumi (simplicidade sutil). E, também, a ausência de ego (shi-i), a busca do silêncio interior e a delicadeza (shiori).

Gostaria de compartilhar 2 haicais inéditos que, acredito, retratam essa busca:

ele lá em cima
eu cá em baixo
muito boa a prosa do guaxo

O outro:

brisa de maio
certamente mereço
as moscas que atraio

Carlos, passo a bola.

VAMOS ASSISTIR AO VIDEO-POEMAS.